

BIBLIOTECÁRIOS E COLECIONADORES

Marília Augusta de Freitas¹



Para os colecionadores, o ato de colecionar objetos é considerado muito mais que um simples *hobby*. Seja qual for o foco, colecionar requer tempo, dedicação e muita organização. Será que o fato de ser bibliotecário ajuda na organização da coleção?

Sim!

É o que dizem os bibliotecários colecionadores.

LADO A/LADO B

Marcelo Scarabuci, bibliotecário da Universidade de Brasília, coleciona discos de vinil e possui em torno de 12 mil exemplares em seu acervo. Marcelo afirma que antes de colecionar discos, colecionou latas de refrigerante, carrinhos de fricção e miniaturas 1/18, mas a de discos de vinil foi a que prosperou: “As

¹ Marília é graduada em Biblioteconomia e mestre em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, onde atua como bibliotecária. É membro da diretoria da Associação e editora da Revista Eletrônica da ABDF.

pequenas coleções não eram levadas muito a sério, nem por mim, nem pelas outras pessoas que ouviam falar delas. Afinal, eram apenas itens pessoais que eu cuidava com carinho e isso não bastou para que eu mesmo os visse como coleção à época”.



Foi então, aos 12 anos, que começou a paixão pelos vinis, quando Marcelo encontrou um antigo som da família encostado em casa, um velho Gradiente com caixas de madeira enormes e uns 30 discos dentro: “Vários discos me remeteram, em sentimento, às viagens familiares que fazíamos desde que nasci, pois eram discos que meu pai gravava em fita K7 e levava para as viagens de *motorhome*. Passei a ter atenção e carinho por este estranho material que eu manuseava pela primeira vez”, afirma.

Dois dos discos preferidos pelo bibliotecário são: “Psicoacústica” do IRA, autografado pelo vocalista Nasi e “Tim Maia canta sucessos da Bossa Nova”. Seu primeiro disco de vinil foi “As Quatro Estações” do Legião Urbana, que Marcelo lembra ter comprado de uma senhora por R\$ 6,00. Entre os discos raros que possui, Marcelo cita um autografado por Raul Seixas, que dificilmente dava autógrafos com dedicatória; outro do Chico Buarque, autografado por ele e por sua

então esposa, a atriz Marieta Severo; uma gravação do *jingle* político de Juarez Távora de 1966, que não teve circulação comercial; e “Sinfonia da Alvorada”, primeira edição de 1960 de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, com a arte de capa composta por vários desenhos de Oscar Niemeyer.

O acervo de Marcelo está organizado em ordem alfabética de intérprete, utilizando a Tabela de Cutter, muito conhecida pelos bibliotecários. O bibliotecário revela que chega a comprar cerca de 100 discos por mês e seu maior desejo, atualmente, é adquirir o disco “Racional II” de Tim Maia.

UMA AMIZADE E DUAS COLEÇÕES

Fábio Farias, bibliotecário da Universidade Federal de Sergipe, e Fernando Silva, bibliotecário da Universidade de Brasília, são grandes amigos e colecionadores de camisas de futebol. Uma coleção que requer muita dedicação e paciência, principalmente porque a maioria das camisas são adquiridas fora do país e recebidas pelos Correios.



A primeira camisa do Fábio foi comprada em 1993, quando o São Paulo, time pelo qual o bibliotecário torce, foi campeão do torneio Libertadores da América. Também em 1993, Fernando ganhava sua primeira camisa: da seleção brasileira. A partir daí, ambos começaram a se interessar pelos “mantos do futebol”, mas a coleção dos amigos só tomou corpo em 2000.

Atualmente, Fernando possui cerca de 450 peças, enquanto Fábio possui bem menos do que gostaria, aproximadamente 115 peças. Ambos têm suas peças preferidas na coleção. Para Fábio, essa preferência é volúvel, pois a cada época sua empolgação varia entre clubes e seleções. Já para Fernando, um dos maiores colecionadores de camisas de times romenos, a preferência é pela camisa da seleção da Romênia da copa de 1994. “Após a campanha da seleção romena na Copa de 94, eu, que ainda nem colecionava, fiz de tudo para obter a camisa. Cheguei até a entrar em contato com a embaixada na época, sem sucesso. Só fui conseguí-la muito tempo depois, quando já tinha uma coleção de camisas”.

Para conseguir adquirir as camisas que compõem suas coleções, Fábio e Fernando negociam em *sites* na internet, escrevem para embaixadas, além de contar com diversos amigos espalhados pelo mundo, que vez ou outra os auxiliam na aquisição de determinadas camisas. E foi dessa forma que conseguiram adquirir algumas de suas camisas mais raras. Fábio cita a camisa do Estrela Vermelha, da Sérvia, dos anos 90, bem como as das seleções do Zimbábue, Laos, Timor Leste e Haiti, seleções não tão conhecidas e difíceis de serem adquiridas.

Já Fernando cita a camisa da Romênia da década de 1970, que pertenceu à coleção de Zagallo e foi usada em uma partida da seleção brasileira contra o

selecionado romeno, em 1973. O bibliotecário afirma ter camisas de seleções que são consideradas bem raras: “Tenho camisas de seleções obscuras como São Tomé e Príncipe, Butão, Quirguistão e Macau”.



Mas onde guardar tantas camisas? Fernando afirma ter um armário construído especialmente para abrigar suas camisas “elas são organizadas por categoria (clubes romenos, clubes brasileiros, seleções, etc.) e por ordem alfabética dentro da categoria”. Já Fábio gosta de criar critérios de organização, que vão mudando de acordo com o crescimento da coleção “atualmente coloco os clubes separados por países e dentro deles por ordem alfabética, já as seleções separo por continente. Talvez ser bibliotecário me faça pensar na organização por mais tempo do que uma pessoa que não é, faria.”

Mesmo com tantas camisas adquiridas, os amigos ainda possuem os seus sonhos de consumo. Para Fernando, é uma camisa da seleção romena da copa de 1970: “É uma camisa azul celeste, usada na partida contra o Brasil. Já vi essa camisa à venda em duas ocasiões, mas infelizmente o custo é proibitivo” afirma

Fernando. Fábio ainda tenta adquirir a camisa da seleção da Bulgária de 1994, que é muito complicada de se achar.

UMA GURIA NO MUNDO DOS VIDEOGAMES

A gaúcha Samantha, estudante de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é uma amante dos videogames. Seu amor começou em 1993 quando teve contato com jogos em MS-DOS no colégio em que estudava.

Em 1995, Samantha ganhou seu primeiro computador e também o seu primeiro videogame: um Master System. Samantha afirma que ainda hoje é esse o aparelho favorito de sua coleção: “tenho muito ciúme do meu Master System, ninguém toca, mexe ou olha pra ele. É um ciúme doentio!”.



Samantha começou a comprar e juntar jogos aos 14 anos e aos 18 percebeu que era uma colecionadora. A prateleira que possuía em sua casa já não era mais suficiente para abrigar tantos jogos e consoles. Atualmente, Samantha possui uma sala exclusiva para abrigar sua coleção, organizada em prateleiras de metal, semelhantes às usadas em bibliotecas.

Mesmo com tantos videogames, Samantha tem um sonho: adquirir um Sega Mark III, considerado o “pai” do Master System. “Ele é bem raro de achar com tudo completo e funcionando, girando em torno de mais de 2 mil reais! Nem cotando na Sibéria, eu consigo um preço menor!”.

Atualmente, a estudante possui aproximadamente 52 consoles e tem tido mais dificuldades para conseguir adquirir do que antigamente: “compro apenas aqui no Brasil (a não ser que tenha algo inédito no exterior, mas aí são meses de dor de cabeça) e tenho feito em média de 7 a 10 compras, mas tenho saudade dos tempos sem crises, inflação e dólar alto, que jorravam jogos e consoles pela casa”.

UM BIBLIOTECÁRIO E SUAS MULTICOLEÇÕES

Wander Martins Borges Filho, bibliotecário da Biblioteca Comunitária Jovem de Expressão, em Ceilândia – DF, é um multicoleccionador. Sua coleção é composta por filmes, histórias em quadrinhos, livros infantis e CDs de *rap* nacional.



Desde pequeno, Wander já sabia que gostaria de ser um colecionador: “li em algum lugar que colecionar era um aspecto super importante do traço humano e

tinha a ver com a preservação da memória. E como sempre fui obcecado pela memória, adorava essa ideia desde menino.”.

Wander comprou suas primeiras histórias em quadrinhos como colecionador aos 10 anos: “alimentado pelas histórias infantis da turma da Mônica, fiquei curioso com o anúncio de algumas histórias de super-heróis e resolvi ir até a banca mais próxima para conferir. Naquela época eu morava em Macapá, no Amapá, e gastei toda a minha mesada em três revistas de super-heróis. Fiquei tão fascinado com os desenhos, personagens e histórias fantásticas que nunca mais parei de ler e colecionar.”.

E é na coleção de histórias em quadrinhos que está seu item mais raro, uma antiga edição em formatinho nacional da revista mensal “Os Novos Titãs”, número 44, de 1989, desenhada pelo desenhista norte americano George Pérez. “A revista sempre foi uma das minhas preferidas no passado, mas o que a torna realmente especial é o fato de o próprio George Pérez ter autografado o exemplar quando tive a oportunidade de conhecê-lo em um encontro internacional de quadrinhos em Belo Horizonte (MG).”

Atualmente, o bibliotecário se encontra em um momento delicado, drama vivido por diversos colecionadores: em sua casa, não há mais espaço para os seus itens. Sua coleção é composta de 2.950 DVDs de filmes, documentários, séries e *shows* de bandas; 600 revistas em quadrinhos; pelo menos 200 álbuns de *rap* brasileiro (ele já chegou a possuir mais de 500 títulos, que foram roubados) e cerca de 80 livros infantis. Wander também possui uma coleção mais nova, formada por livros especializados em quadrinhos.

Detentor desse acervo diversificado, Wander fala que apesar da sua paixão por filmes e histórias em quadrinhos ser igualmente proporcional, o item que ele mais gosta é o *box* de colecionador das quatro temporadas do *remake* da série de ficção científica “Battlestar Galactica”, um dos melhores seriados de televisão já produzidos, na opinião do bibliotecário.

Wander organiza sua coleção por ordem de afetividade, itens que sempre relê, ouve ou assiste. Além disso, sua coleção está separada por gênero e por ordem de prioridades. E, mesmo sendo bibliotecário, regras não se aplicam muito a sua coleção. “Na verdade, por ser um bibliotecário rebelde, em casa o que impera é a linguagem natural, organização afetiva e intuitiva. Deixo as regras de organização apenas para o trabalho.”.

Como todo colecionador que se preze, Wander possui aquele item que não venderia por nada nesse mundo: um velho exemplar da *Graphic Novell* “V de Vingança”, de Alan Moore e David Lloyd de 1989, da editora Globo. O exemplar possui um valor sentimental, por ter sido o primeiro romance gráfico que o bibliotecário leu. E mesmo com mais de 4000 itens em sua coleção e uma média de quatro itens adquiridos mensalmente, Wander ainda deseja “com todo o coração” o exemplar “Absolute” encadernado de TOP 10, história em quadrinhos escrita por Alan Moore.